

O transe místico na arte ibérica entre os séculos XVI e XVII e seus desdobramentos no 'Novo Mundo'

Maria Berbara, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

A representação visual do transe místico poucas vezes encontrou tanto favor quanto na arte ibérica cristã produzida entre as últimas décadas do século XVI e primeiras do XVII. Santos que viveram e escreveram nesse período - como Tereza de Ávila ou Juan de la Cruz - relataram diversas vezes suas experiências místicas, durante as quais afirmaram perceber uma união corpórea com a divindade. Essa união, de acordo com seus próprios relatos, não era metafórica, mas literal: a transverberação de Santa Tereza ou a estigmatização de Maddalena Pazzi, por exemplo, não foram compreendidas como experiências simbólicas, mas tão reais que lhes deixaram cicatrizes no corpo.

A fisicalidade é, sem dúvida, um dos aspectos fundamentais da experiência mística cristã. O cristianismo, intrinsecamente, é encarnacional: Cristo, ou o Logos, "torna-se carne" ao ser concebido no ventre de Maria, e, durante a Eucaristia, a tradição católica - por oposição às protestantes - entende que o vinho e a hóstia transformam-se realmente, e não simbolicamente, em seu sangue e corpo. Na tradição da *immitatio Christi*, ou imitação de Cristo, os fiéis procuram reviver, frequentemente através de seus próprios corpos, as suas experiências durante a Paixão; a estigmatização de São Francisco, nesse sentido, representa talvez o momento culminante da compreensão do corpo como um instrumento de ascensão espiritual e comunhão com Deus. A fisicalidade da experiência mística, portanto, longe de ser concebida como contraditória ou antagonística relativamente aos preceitos espirituais cristãos, constituía, para o fiel, uma via de identificação e emulação de Cristo e dos santos mártires.

Analisemos, muito brevemente, uma passagem do *Livro da Vida*, autobiografia espiritual escrita por Teresa de Ávila (1515 – 1582) que foi diversas vezes editada e ilustrada na primeira época moderna. Conta Tereza que, um dia, enquanto meditava em um canto do jardim de seu convento, apareceu-lhe um anjo, que, segurando uma lança de ouro, perfurou-lhe várias vezes o coração:

“Com ela [a lança] pareceu perfurar-me o coração algumas vezes, chegando-me até as entranhas. Ao retirá-la, parecia-me que as levava consigo, deixando-me abrasada em grande amor por Deus. Era tão grande a dor, que me fazia gritar, e tão excessiva a suavidade que me causa essa grandessíssima dor, que não desejava que parasse, e nem se contenta a alma com nada menos que Deus. Não é dor corpórea, mas espiritual – ainda que o corpo participe dela, e muito”.¹

¹ *Libro de la Vida*, 29, 13. T. da A.

Esse momento aparece muitas vezes na iconografia - em pinturas, gravuras e esculturas, entre as quais o celeberrimo grupo escultórico de Bernini em Roma [fig.1]. Nessas imagens, a santa aparece no que poderíamos considerar um estado de transe: os olhos cerrados, ou semicerrados; a boca ligeiramente aberta; o corpo tomado por um estado de profunda comoção. Essas imagens revelam muito do que a própria Teresa escreveu sobre o que, em seus textos, chama "arrobamiento", isso é, arrebatamento: é como se a alma fosse um barco erguido por uma poderosa onda, escreve, sem controle sobre si mesmo.²



Fig. 1: Gian Lorenzo Bernini, Êxtase de Santa Teresa. 1647-52.
Roma, Santa Maria della Vittoria
(Capela Cornaro)

A experiência mística, na Europa católica do século XVI, passa a ser concebida no âmbito de um momento privado, interno, durante o qual o fiel em transe encontra-se em contato direto com Deus. A partir da assim chamada Contrarreforma, o conhecimento divino passa a ser concebido menos enquanto fruto de uma trajetória intelectual, e mais como uma revelação. Visões e êxtases não eram - como em alguns momentos do século anterior - obtíveis através da inteligência e da meditação, mas da fé, e atribuíveis exclusivamente ao amor divino. A própria Tereza, em seus escritos, insiste muitas vezes em que o dom da graça não pode ser ativamente buscado, mas apenas recebido de Deus. Essa concepção aparece,

² *Castelo Interior*, VI, 5.

muitas vezes, na iconografia - como por exemplo [Fig.2] na tela de Anton Maria Vassallo na Galleria di Palazzo Bianco de Gênova, na qual São Francisco de Assis, Agnese de Montepulciano, Teresa de Ávila e Catarina de Siena aparecem recebendo a luz divina enquanto, no chão, jazem um livro aberto e uma caveira - pequena *vanitas* representando a inutilidade das pretensões intelectuais humanas face à única fonte de saber verdadeiro.³



Fig. 2: Anton Maria Vassallo, São Francisco de Assis, Santa Agnese (Inês) de Montepulciano, Santa Teresa de Ávila e Santa Catarina de Siena. 1642. Gênova, Galleria di Palazzo Bianco

³ O termo "visão", frequentemente utilizado por Santa Teresa e por místicos cristãos contemporâneos, implica, entretanto, em um aparente paradoxo: se, por um lado, alude ao elemento ótico, por outro denota uma dimensão supra-sensorial na qual a experiência mística é elevada ao âmbito do irrepresentável. A esse respeito cfr. STOICHITA, V., *Visionary Experience in the Golden Age of Spanish Art*. Londres: Reaktion Books, 1995, p.7.

A importância de Tereza de Ávila, assim como a influência da ordem das carmelitas descalças, por ela fundada, foi muito grande em zonas americanas, africanas e asiáticas colonizadas pela Europa durante a primeira época moderna. Entre 1581 e 1585, Jerónimo Gracián de la Madre de Dios, provincial da ordem, estimulou ativamente a sua expansão missionária. Em 1582, frades carmelitas descalços zarparam de Lisboa, na presença do rei Felipe II, para a Etiópia e a Guiné. Sucessivamente, foram fundados conventos em Puebla e na Cidade do México.⁴ No Brasil, multiplicaram-se rapidamente, nos séculos XVII e XVIII, centros religiosos carmelitas - incluindo o célebre convento situado na ladeira de Santa Tereza, no Rio de Janeiro - e a devoção à santa cobrou espaço em Ordens Terceiras - sobretudo a do Carmo.⁵



Fig. 3: Episódios da vida de Santa Tereza. Em sentido horário: Visão da pomba, Transverberação, Casamento Místico. Adriaen Collaert e Cornelis Galle. Gravuras. 1613.

⁴ WILSON, C., "From *Mujercilla* to *Conquistadora*: St. Teresa of Avila's Missionary Identity in Mexican Colonial Art". In: MACINTYRE, K. K., e PHILLIPS, R. E., *Woman and Art in Early Modern Latin America*. Brill: Leiden/Boston, 2007, pp. 421-424.

⁵ Sobre a representação de Santa Tereza em Sergipe e na Bahia durante o período colonial, cfr. ORAZEM, Roberta Bacellar, "Um importante modelo de santidade feminino contrarreformista: Santa Teresa d'Ávila e sua representação nas igrejas de associações de leigos carmelitas em Sergipe e Bahia colonial". Anais do III Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades. ANPUH. In: *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá, v. III, n. 9, 2011. A pesquisadora defendeu, ainda, sua dissertação de mestrado sobre a iconografia teresiana nas igrejas da ordem Terceira do Carmo de Cachoeira/Bahia e São Cristóvão/Sergipe pela Universidade Federal da Bahia em 2009. A dissertação, publicada online no repositório institucional da universidade, inclui ampla documentação fotográfica dessas duas igrejas.

A fonte principal das representações americanas da santa são gravuras estampadas nas edições europeias de seus textos - principalmente o *Livro da Vida*. Essas gravuras representam momentos da biografia espiritual da santa, entre os quais os mais célebres são, talvez, a transverberação, a visão da pomba e o casamento místico [Fig.3]. Mas, nas Américas, cobram força representações iconográficas de Teresa que haviam sido menos usuais na Europa, notadamente sua intercessão por almas no purgatório. Em uma tela pintada por Luis Juárez na primeira metade do século XVII, por exemplo, [Fig. 4], Tereza aparece lendo seu breviário enquanto, em segundo plano, abre-se uma visão do purgatório na qual um anjo resgata uma alma das chamas. À direita, outra alma estende o braço em direção a Teresa, como a implorar sua divina intercessão.⁶



Fig. 4: Luis Juárez, Santa Teresa rogando pela absolvição das almas no purgatório. Primeira metade do século XVII. Museo Nacional del Virreinato, Tepotzotlán, México

⁶ O tema havia sido representado por Rubens em uma tela dos anos 1630 pintada para os carmelitas descalços na Antuérpia. Nas Américas essas representações são inúmeras; pense-se, por exemplo, na obra de Cristóbal de Villalpando na Igreja de Santiago em Tuxpan, Michoacán, México.



Fig. 5: Andrés López, Retrato emblemático de Santa Teresa de Ávila. 1786. Cidade do México, Convento de San Joaquín

A habilidade da santa de resgatar almas vinculava-se, no âmbito missionário, à sua capacidade de conversão, a qual precisava ser enfatizada nas colônias. Essa capacidade de conversão aparece em poucas obras de modo mais claro do que na imagem alegórica da santa de Andrés López, datada em 1786 e atualmente conservada no Convento de San Joaquín, na cidade do México [Fig. 5].⁷ Baseada na gravura de Gottfried Bernhard Göz⁸ [Fig.6], a imagem representa a transverberação de Teresa de um modo alegórico, tendo

⁷ Cfr. CRUZ LAZCANO, Víctor, "Ardore faecunda, casta generatio. La exaltación teresiana en una pintura novohispana". Atas do Congreso Internacional La Orden del Carmen Descalzo en Hispanoamérica a 430 años de su llegada, Cidade do México, 2015.

⁸ Prancha 29/30 de Anastasy à Cruce (1706-1761), *Decor Carmeli in splendoribus sanctorum*, publicado em Augsburg pelo próprio artista e atualmente conservado na Biblioteca Estatal de Cremona.

abaixo um esqueleto segurando um livro aberto com a tradução invertida⁹ de seus famosos versos "ou morrer, ou padecer", e, à sua direita, a figura de um indígena americano abaixando seu arco e olhando para o céu em uma atitude de iluminação. Na parte central da tela, Teresa e seu esposo, Cristo, estabelecem um diálogo a partir de citações bíblicas: "Da mihi liberos" (Ge. 30), diz Teresa – isso é, "Dá-me Crianças" – ao que Cristo responde: "Filii tui de longe" (Profecia de Isaías, Cap. LX), isso é, "Teus filhos virão de longe". Ao lado do ameríndio lê-se a inscrição: "Christum datura aut sanguinem", trecho do hino teresiano "Datura terris barbaris Christum, aut sanguinem", isso é, "Tendo que dar às nações bárbaras ou Cristo, ou seu sangue". O hino faz referência a uma passagem do Livro da Vida em que Teresa, aos sete anos, foge de casa junto com o irmão com o objetivo de alcançar as "terras mouras" e, lá, sofrer o martírio.



Fig. 6: Gravura de Johann Andreas Pfeffel a partir de desenho de Gottfried Bernhard Göz. Prancha 29/33 de Decor Carmeli in splendoribus sanctorum. Primeira metade do século XVIII (Augsburg). Biblioteca Apostólica Vaticana

⁹ A propósito dessa inversão cfr. BARBARA, Maria, "Esta pena tan sabrosa": Teresa of Avila and the Figurative Arts in Early Modern Europe". In: Enekel, Karl; Van Dijkhuizen, Jan Frans. (orgs.), *The Sense of Suffering: Constructions of Physical Pain in Early Modern Culture*. Leiden: Brill, 2009, pp. 267-294

Na tela de Andrés López, o mais célebre transe místico de Santa Teresa é, portanto, associado à conversão, constituindo, ambos, momentos de revelação e ascensão espiritual. Existe, portanto, uma relação intrínseca entre a experiência extática do sagrado, em uma perspectiva cristã, e a conversão religiosa.

A extraordinária popularidade alcançada pelos escritos de místicos ibéricos na segunda metade do século XVI coincide com o incremento dos investimentos eclesiásticos nas colônias americanas. Além da virgem Maria, poucas santas foram representadas tão frequentemente como Teresa de Ávila na América Latina dos séculos XVII e XVIII.¹⁰ Teresa, assim como outros santos mediterrâneos contemporâneos a ela, subjugavam o aprendizado literário à revelação, que, segundo ela, prescindia completamente da erudição. Seus escritos são, todos, baseados em suas próprias experiências. Nesse sentido, possuem uma implicação sensorial imediata. Assim como outros místicos espanhóis, Teresa enfatizava a fisicalidade de suas experiências místicas - o que se conectava, naquele momento histórico, ao debate sobre o dogma da transubstanciação, no qual a eucaristia é interpretada como o momento de consumo real do corpo e do sangue de Cristo. O fato de que essa interpretação literal da comunhão tenha sido reiterada, durante o Concílio de Trento, certamente influenciou as obras de Teresa, Luis de León, Luis de Granada, San Juan de la Cruz, entre outros místicos espanhóis, para os quais corpo e alma apresentavam-se intrinsecamente unidos em momentos de transe.

¹⁰ WILSON, C., "From *Mujercilla* to *Conquistadora*, p. 417.